

"A CASA DO SONHO DESPERTO": REPRESENTAÇÕES UTÓPICAS/DISTÓPICAS NO ROMANCE MOÇAMBICANO CONTEMPORÂNEO

* Universidade de São Paulo – USP.

SUELI SARAIVA*

E

Resumo

Este trabalho discute a representação ficcional da elite política e econômica na contemporaneidade moçambicana, enfocando os romances *O último voo do flamingo*, de Mia Couto, e *O sétimo juramento*, de Paulina Chiziane, e tendo como embasamento a teoria do "sonho diurno", de Ernest Bloch.

Palavras-chave: Romance; Elite; Mia Couto; Paulina Chiziane; Ernest Bloch.

Somos madeira que apanhou chuva. Agora não acendemos nem damos sombra. Temos que secar à luz de um sol que ainda não há. Esse sol só pode nascer dentro de nós.

(Mia Couto, 2005)

A literatura que emerge nesses quase quarenta anos de independência dos países africanos de língua portuguesa tem debatido, por um lado, a frustração da utopia pré-75 (vejam-se os romances *A geração da utopia* e *Predadores*, do angolano Pepetela) e, por outro lado, tem procurado desvelar as faces de uma nação ainda em busca de "um país para todos", para usarmos o jargão brasileiro. Em Moçambique são exemplares neste sentido os escritos de Mia Couto e Paulina Chiziane, ambos nascidos em 1955 e integrantes da geração de escritores que ascenderam após 1975.

Mia Couto, escritor comprometido com as questões histórico-sociais,

não se exime de um viés contestatário, conforme atesta seu comentário a *O último voo do flamingo* (2000), seu terceiro romance:

O último voo do flamingo fala de uma perversa fabricação de ausência — a falta de uma terra toda inteira, um imenso rapto de esperança praticado pela ganância dos poderosos. O avanço desses comedores de nações obriga-nos a nós, escritores, a um crescente empenho moral.¹

“Palavras proferidas por Mia Couto na entrega do Prémio Mário António, da Fundação Calouste Gulbenkian, em 12 de junho de 2001”. In: *O último voo do flamingo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 224.

O País do Queixa Andar (2003), *Pensatempos* (2005), *E se Obama fosse africano?* e outras interinvenções (2009).

Ver, por exemplo, Buarque, Cristovam. “Egoísmo social”. In *A segunda abolição: um manifesto-proposta para a erradicação da pobreza no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1999.

A ficção de Mia Couto, bem como os seus textos de intervenção,² denuncia a persistência de um cenário de miséria em contraste com uma parcela mínima da sociedade extraordinariamente enriquecida e envolta naquilo que os analistas têm chamado de “egoísmo social”.³ Tudo isso ocorrendo num espaço que há menos de quatro décadas era o símbolo da luta contra a opressão e a exploração do colonialismo capitalista “justifica o desassossego de sua elite cultural eternamente sacudida pelo desejo de responder às indagações postas pela urgência de cada etapa histórica” (CHAVES, 1999, p. 32).

Este sentido de urgência e desassossego, no entanto, não significa que “a literatura moçambicana está estrangida a ser programática,” na reflexão do crítico moçambicano Lourenço do Rosário. Antes, ele prossegue em seu argumento,

tratando-se de um país e de uma sociedade em construção, a sua literatura tende a participar nesse processo. E dada a natureza visionária de que se reveste, é claro que a literatura vai assumir um protagonismo de vanguarda no debate de ideias e nas propostas de vias para a formação da consciência sobre a realidade social, na sedimentação de valores. (ROSÁRIO, 2010, p. 128)

No caso de Paulina Chiziane, uma “consciência sobre a realidade social” envolve a preocupação da autora com as questões de gênero em Moçambique (a condição feminina); a distribuição de recursos econômicos e, no que se refere ao comportamento social, seu debate gira em torno das tradições culturais, da mitologia e crenças moçambicanas. Tudo isso perpassa o seu papel de crítica da sociedade e extravasa para a sua construção ficcional. Por exemplo, em 2006, em entrevista à pesquisadora portuguesa Ana Margarida Martins, a escritora afirmou a respeito da sociedade moçambicana pós-independência:

Nós tivemos um processo de libertação da terra, bem sucedido, mas o processo de libertação da mente, aí ainda está em processo. [...]. Então, o trabalho de libertação mental, onde está? Portanto, há os que ficam ricos e os outros cada vez mais pobres.⁴

CHIZIANE, Paulina. À conversa com Paulina Chiziane. Minneapolis, 06 out. 2006. Entrevista concedida a Ana Margarida Dias Martins. Disponível em: <http://www.anamartins.info/interview.htm>. Acesso em: 20/10/2010.

Esse chamado à “conscientização” sobre as agruras sociais, bem como a denúncia do egoísmo de elites ilegalmente formadas, aparecem como temas em seu romance *O sétimo juramento*, igualmente publicado em 2000 e, coincidentemente, também o terceiro romance da autora – na comparação com Mia Couto e *O último voo do flamingo*. O romance de Chiziane, porém, traz para o primeiro plano temático, questões apenas vislumbradas na obra de seu conterrâneo – os mitos e crenças

moçambicanas. De qualquer modo, à chegada ambos encontram-se no ponto comum: a crítica à contemporaneidade moçambicana.

O último voo do flamingo

Em **O último voo do flamingo** a história se desenrola em torno das insólitas explosões dos soldados da ONU enviados à vila Tizangara – metonímia de Moçambique – para “vigiar o processo de paz” nos primeiros anos do pós-guerra civil (1976-1992), um tempo em que se ansiava “refazer crenças e reparar o rasgão do luto” (COUTO, 2000, p. 224), nas palavras do próprio autor.

Misteriosamente cinco desses agentes internacionais “explodem”, restando como únicos vestígios o órgão genital e o capacete azul. Para investigar as misteriosas ocorrências chega a Tizangara um oficial da ONU, o italiano Massimo Risi, que será acompanhado em sua missão por um habitante local, um jovem identificado apenas pelo cargo que exercia, o de “tradutor de Tizangara”. Este tradutor é também o narrador em primeira pessoa do romance.

Mas, apesar de ter recebido a missão de traduzir a língua local para o estrangeiro, seu trabalho não será de ordem linguística, mas sim de tradução do próprio lugar, pois, conforme confessa o oficial da ONU: “Eu posso falar e entender. Problema não é a língua. O que eu não entendo é este mundo daqui” (COUTO, 2000, p. 40). Assumir a condição de estrangeiro; integrar-se com a população e estar disposto a entender aquele mundo foram passos determinantes para que o italiano não tivesse o mesmo destino dos soldados desaparecidos.

O último voo do flamingo trata, na verdade, do rescaldo de uma sociedade recém-saída de 16 anos de conflitos armados, e fortemente patrulhada por forças internacionais em nome do seu “bem-estar”. O enredo, de claras pretensões críticas, tece muitos pontos de interrogação acerca da história moçambicana recente, além de indicar o embate latente entre Moçambique e as forças internacionais. Já no plano doméstico, a caracterização das personagens remete ao processo de formação das classes sociais moçambicanas pós-independência, com destaque para duas personagens: o administrador Estevão Jonas e sua esposa, Dona Ermelinda.

O casal de ex-combatentes é uma caricatura dos novos-ricos moçambicanos – figuras recorrentes nos textos críticos de Mia Couto, e ainda a caricatura dos governantes descomprometidos com as questões sociais, embevecidos com o poder e o dinheiro. O casal mandante de Tizangara exemplifica a parte da elite do poder que anseia pela manutenção e ampliação de privilégios, não reconhece as necessidades sociais e confunde as instâncias públicas e privadas em prol de interesses ilícitos.

Nos diversos relatórios – escritos que perpassam a narrativa, como é praxe em Mia Couto –, que o administrador envia ao seu superior, ele vai revelando a falta de compromisso com o cargo público e total desinteresse pelo povo que governa:

Trabalhar com as massas populares é difícil. Já nem sei como intitular-lhes: massas, povo, populações, comunidades locais. Uma grande maçada, essas maltas pobres, se não fossem elas até a nossa tarefa estaria facilitada. Minha esposa, a ex-camarada Ermelinda, também não me ajuda. Ela adora os poderes e as riquezas, mas recebe as más influências. (...) Mesmo desconfio que ela visita-se lá no feiticeiro... (COUTO, 2000, p. 95)

Mais uma vez na ficção de Mia Couto, a estética do “maravilhoso” – neste caso, os soldados que se “desintegram no ar” – e o mote da história – a investigação sobre o inusitado acontecimento – servem, na verdade, como pano de fundo para uma narrativa de significados ideológicos mais amplos.

O enredo transcorre numa atmosfera de claros e escuros, sombras e luz, dias e noites, de incertezas e entorpecimento, enfim, numa espécie de “terra sonâmbula”. Nesse ambiente sonho e realidade, vivos e mortos, passado e presente se misturam e lançam a questão fundamental: e agora? Como evitar que haja “uma terra engolida pela terra”, conforme o desfecho de **O último voo do flamingo**. E, mais, como manter acesa a esperança, sonhando utopicamente, mas de olhos bem abertos? A narrativa é pontuada por passagens que indicam esse estado de atenção aliado à esperança, ou seja, de um “sonho diurno” sustentando a utopia. Buscar a mudança no presente para um futuro mais harmonioso, tanto no plano doméstico quanto no internacional, parece ser a tônica do romance. O sonho diurno, afirma Bloch, “pode proporcionar ideias que não pedem interpretação, e sim elaboração — ele constrói castelos de vento com as plantas já desenhadas e nem sempre meramente fictícias” (BLOCH, 2005, p. 88).

Os “arrebentamentos” dos soldados estrangeiros – oriundos não apenas da Europa, mas também da África (Zâmbia) e Ásia (Paquistão) – e a chegada de um outro estrangeiro quase com a missão de “redimir” o comportamento dos primeiros é simbólico dessa esperança de mudança. Enquanto os primeiros “explodem” em decorrência da arrogância e desrespeito com a terra, personificada pelas mulheres de Tizangara, das quais eles “se apropriam” – por exemplo, a prostituta Ana Deusqueira –, o investigador italiano revela uma atitude contrária.

Sobre o comportamento do primeiro soldado que explode, a prostituta Ana Deusqueira afirma: “O soldado zambiano chegou, exibindo a farda. Entrou no bar, arrotando presença. Batia os calcanhares, mandando vir as bebidas. Não gostamos, sabe, esses ares de dono.” (COUTO, 2000, p. 84). E novamente sobre o zambiano: “Pois, esse soldado me visitou sem nenhuma maneira. O homem nem perdeu tempo com beijo. (...) Me subiu assim, sem preparo, mais salivoso que cachorro. E ali se serviu, todo por cima de mim, completamente nu, excepto a boina na cabeça.” (COUTO, 2000, p. 180).

Em comparação, o oficial Massimo Risi, que revela desde o início uma atitude altruísta, enamora-se de Temporina, a enfeitada “moça-velha” – o rosto é de uma velha “de milênios” e o corpo de uma jovem de menos de vinte anos. No entanto, através do amor, Temporina recuperará a juventude e florescerá, no dizer do feiticeiro local: “Aquele

pele escamosa não vai durar para sempre (...) ela descamará, aprontada para qualquer Verão”.

Outra imagem de mudança que envolve diretamente Massimo Risi aparece no primeiro dia de sua estada em Tizangara. Por opção, e diferenciando-se dos poderosos arrogantes, ele, em vez de fixar-se em local condizente com o seu *status*, hospeda-se na decadente Pensão Martelo Jonas, de propriedade do administrador Estevão Jonas. A crítica ao proprietário é certeira: “Antes, o nome do estabelecimento era Martelo Proletário. Mudam-se os tempos, desnudam-se as vontades” (COUTO, 2000, p. 36), ironiza o narrador.

Numa passagem seguinte, o estrangeiro junto com o seu escudeiro, o narrador – o tradutor de Tizangara – retornam de um bar, onde por longo tempo o italiano ouvira com real interesse sobre a infância do narrador. Ao retornarem à pensão, o narrador descreve: “Soprava um vento pontiagudo (...). Algumas das letras do anúncio haviam caído com a ventania. Lia-se agora: ‘Martelo Jo’” (COUTO, 2000, p. 57). Os ventos da mudança, dos quais faziam parte os estrangeiros “de boa vontade” – simbolizado pelo italiano – deveriam varrer primeiramente os abusos dos governantes – simbolizado pelo administrador Jonas.

O SÉTIMO JURAMENTO

Paulina Chiziane, por sua vez, internando a narrativa de **O sétimo juramento** na atmosfera local, constrói uma escrita sobre o mundo dos endinheirados moçambicanos surgidos no período pós-independência. O dado novo, porém, é a forma como a autora apresenta o assunto, isto é, abordando os mesmos problemas – riqueza espúria, abuso de poder político e econômico etc – à luz do chamado “mundo dos mitos” que, embora a modernidade moçambicana tenda a negar, continua permeando o comportamento social, seja no campo ou na cidade:

O mundo do feitiço e dos mitos esteve sempre ligado ao comportamento sócio-cultural da maior parte dos intervenientes activos da nova história social de Moçambique, ricos ou pobres, urbanos ou camponeses, instruído ou analfabeto, o moçambicano, de uma forma ou de outra, conhece e, às vezes, enreda-se nele. (ROSÁRIO, 2010, p. 132)

No enredo, o protagonista é David, o qual, da mesma maneira que a personagem de Mia Couto, Estevão Jonas, aproveita-se do cargo político no novo regime moçambicano pós-75 para enriquecer e angariar poderes nas franjas de uma sociedade em convulsão. Torna-se um bem-sucedido empresário, apesar da visível incompetência. Para preservar tal riqueza ele conta com o poder do “deus-dinheiro” e dos espíritos que povoam as crenças tradicionais: “Tenho já o corpo blindado, ninguém me toca. Sou aquele que caminha sobre as águas e não se afunda. Se alguém me quiser levar ao tribunal, compro a justiça com o dinheiro que tenho” (CHIZIANE, 2000, p. 128).

Ao caracterizar assim a personagem central do romance, Chiziane traz um ingrediente extraordinário à representação romanesca de uma parte significativa da elite moçambicana. Uma elite para a qual tudo vale

na conquista do poder, inclusive o apelo, sempre que necessário, às crenças e mitos. Enfim, diz o narrador da história: “David parte à busca da proteção das sombras. Quer roubar sem ser punido. Violar sem ser condenado” (CHIZIANE, 2000, p. 135).

Ao sair em busca dessa “proteção das sombras”, David se desloca para a “terra dos grandes mágicos” (CHIZIANE, 2000, p. 135); e lá chegando o que encontra é uma suntuosa propriedade, um Eldorado africano. Trata-se da terra do mítico Makhulu Mamba (CHIZIANE, 2000, p. 139), seu domínio e palácio, onde o feiticeiro que reina abundantemente rico. Até mesmo David pergunta se o dono daquela casa era um rei, um régulo. (CHIZIANE, 2000, p. 138). De fato, a história irá revelar que tal riqueza é obra dos espíritos de Makhulu Mamba, seres que conduzem os que são “cristãos de dia, feiticeiros de noite” (CHIZIANE, 2000, p. 138). Neste reduto, David vende o que resta de sua alma para garantir a prosperidade que aos poucos vai se dissolvendo no ar.

Voos, SONHOS E UTOPIAS

Diferentemente de **O último voo do flamingo**, cuja redenção da terra passa pela sua total destruição e, quiçá, um renascimento, em **O sétimo juramento** o protagonista David e os espíritos que o comandavam são vencidos pela força “do bem”. Numa clara indicação de que, apesar do tom de desesperança – distopia – que conduz à narrativa, a redenção é confiada à própria consciência do indivíduo. No final, antes de morrer, apavorado e louco com os seus “fantasmas”, David confessa: “Julguei que a terra era minha. Mas não venci a mim mesmo. Não venci os meus leões interiores que em devoravam a consciência. Todo o vencedor é vencido pelos seus crimes. A terra jamais será propriedade humana” (CHIZIANE, 2000, p. 265). Antes dessa passagem, o narrador comenta:

Tudo nasce e tudo morre, e o que não morre tem mistério. Os problemas naturais não necessitam de soluções sobrenaturais. Os que amam a riqueza escalam o céu com pernas de pau, porque pensam que as estrelas são diamantes. E quando caem ao solo, desiludidos, consolamo-los a rir com palavras de dor. (CHIZIANE, 2000, p. 261)

Como interpretar um final tão benevolente da narrativa? Como acatar a postura do narrador que, no final das contas, sugere que David, cuja perversidade e desejo de riquezas o fez sacrificar a própria filha numa relação incestuosa, fora meramente vítima do jogo entre o “bem e o mal”; e ademais, que “a consciência do mal cai-lhe nos ombros com o peso do mundo?” (CHIZIANE, 2000, p. 263).

Literariamente falando, o desfecho da narrativa sugere, mesmo de forma difusa, um horizonte utópico: “Tudo nasce e tudo morre”. Assim o narrador encerra a participação na história da enlouquecida Vera, mulher de David: “Da sua varanda Vera tem momentos de lucidez. (...). Celebra o amanhecer”. (CHIZIANE, 2000, p. 261).

Ernst Bloch, em seu aclamado **O princípio esperança**, oferece, neste ponto, uma chave interpretativa com a sua teoria do “sonho diurno”, ou “sonho desperto”. Para Bloch, o “sonho diurno”, ao contrário do “sonho noturno”, são devaneios em que não se perde o controle do eu. Ele diz: “O relaxamento do eu no sonho noturno é apenas submersão, enquanto o do sonho diurno é elevação acompanhando a revoada” (BLOCH, 2005, p. 90). Seria a suposta complacência do narrador de Paulina Chiziane uma expressão deste sonho diurno? Uma vontade de sonhar utopicamente com a vitória do “bem” sobre o “mal”, se for possível pensar em termos tão absolutos?

Já em **O último voo do flamingo** a “elevação acompanhando a revoada”, característica do sonho diurno, manifesta-se na lenda dos flamingos, que faz ecoar no enredo o sentido imorredouro da ideia de utopia. Diz a lenda, ensinada ao narrador por sua mãe:

Em fins de tarde, os flamingos cruzavam o céu. Minha mãe ficava calada, contemplando o voo. Enquanto não se extinguissem os longos pássaros ela não pronunciava palavra. Nem eu me podia mexer. Tudo, nesse momento, era sagrado. Já no desfalecer da luz minha mãe entoava, quase em surdina, uma canção que ela tirara de seu invento. Para ela, os flamingos eram eles que empurravam o sol para que o dia chegasse ao outro lado do mundo.

— Este canto é para eles voltarem, amanhã mais outra vez! (COUTO, 2000, p.47)

No final “fantástico” da narrativa, Tizangara desaparece num grande abismo, condenada no tribunal dos antepassados, restam apenas Massimo Risi, o estrangeiro, e o narrador, o tradutor de Tizangara – um estrangeiro e um local. Mas, o desfecho não aponta, contudo, para a falta de esperança, uma não-utopia, ou distopia. Apesar da falta de soluções imediatas, a terra – Tizangara/Moçambique – ficaria em estado de suspensão, aguardando e sonhando diurnamente com a mudança possível. Afinal, diz Sulplício, o pai do narrador:

Já acontecera com outras terras de África. Entregara-se o destino dessas nações a ambiciosos que governaram como hienas, pensando apenas em engordar rápido (...) Faltava gente que amasse a terra. Faltavam homens que pusessem respeito nos outros homens. (...) Vendo que solução não havia, os deuses decidiram transportar aqueles países para esses céus que ficam no fundo da terra. E levaram-nos para um lugar de névoas subterrâneas, lá onde as nuvens nascem. Nesse lugar onde nunca nada fizera sombra, cada país ficaria em suspenso, à espera de um tempo favorável para regressar ao seu próprio chão. Aqueles territórios poderiam então ser nações, onde se espeta uma sonhada bandeira. Até lá era o vazio do nada, um soluço no tempo (COUTO, 2000, p. 216)

A cena final da narrativa, à beira do abismo, é ao mesmo tempo de destruição e esperança: o revoar das andorinhas – prenunciadoras do Verão – sobre o abismo, a folha do relatório da ONU transformada ludicamente em pássaro de papel, e a rememoração do canto pela volta dos flamingos “na espera de um outro tempo” (COUTO, 2000,

p. 220). Esperar um outro tempo, ou manter o “princípio esperança” corresponde a ouvir do fundo do abismo os ecos de uma utopia perene e reconstituída na esperança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto Mia Couto quanto Paulina Chiziane exortam à reflexão sobre a contemporaneidade moçambicana. E tal reflexão envolve não apenas as questões políticas e econômicas, mas também identitárias e culturais. No jogo de excessos da sociedade neoliberal, as elites do poder não abdicam de dominar o máximo possível de esferas, inclusive os itens manipuláveis das tradições culturais, como demonstra o romance de Paulina Chiziane. Mia Couto traz para a arena ficcional o reflexo de seu pensamento crítico sobre essas mesmas elites, apontando para a necessidade de escrever a história moçambicana com uma pena recolhida num voo de esperança.

Em ambos os romances vislumbra-se um sentido de utopia que aspira à concretização, num futuro próximo, das esperanças forjadas em casas de sonhos diurnos. Um desejo de manter o espírito da utopia na contemporaneidade. E o despertar de tal desejo na sociedade moçambicana dependeria de, simbolicamente, “sonhar o voo da asa rubra” (COUTO, 2000, p. 225) nas palavras de Mia Couto, ainda em referência a **O último voo do flamingo**.

ABSTRACT

This essay discusses the fictional representation of the political and economic elite in contemporary Mozambique, mainly in the novels **O último voo do flamingo**, by Mia Couto, and **O sétimo juramento**, by Paulina Chiziane. The major theoretical base is Ernest Bloch's “sonho diurno”.

Key words: Novels; Elite; Mia Couto; Paulina Chiziane; Ernest Bloch

REFERÊNCIAS

- BLOCH, Ernst. **O princípio esperança**. Tradução de Nélio Schneider. Rio de Janeiro: EdUERJ Contraponto, 2005.
- CHAVES, Rita. **A formação do romance angolano**: entre intenções e gestos. Col. Via Atlântica; v. 1. São Paulo: 1999.
- CHIZIANE, Paulina. **O sétimo juramento**. Lisboa: Editorial Caminho, 2000.
- COUTO, Mia. **O último voo do flamingo**. Editorial Caminho, 2000 /